

## FREDERICO LANGE DE MORRETES (1892-1954) E O MUSEU PARANAENSE

Claudia Inês Parellada<sup>1</sup>

**Resumo:** O artista plástico e pesquisador do Museu Paranaense Frederico Lange de Morretes nasceu em 1892 e faleceu, em 1954, depois de uma expedição científica ao litoral paranaense. Importante na história da arte do Paraná, a maioria das instituições públicas regionais possui obras do artista nos acervos, e referência internacional na malacologia. O presente estudo discute os laços entre o Museu Paranaense e o cientista-artista, detalhando aspectos da incorporação de coleções na instituição, especialmente a de 2017.

**Palavras-chave:** Museu. História da arte. Arte no Paraná. Museologia. História do Paraná.

---

<sup>1</sup> Arqueóloga. Doutora em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (2006), Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Paraná (1997) e geóloga pela Universidade Federal do Paraná (1987). Pesquisadora responsável pelo Setor de Arqueologia do Museu Paranaense. Email: cparellada34@gmail.com

## FREDERICO LANGE DE MORRETES (1892-1954) AND THE PARANAENSE MUSEUM

Claudia Inês Parellada

**Abstract:** The artist and Paranaense Museum researcher Frederico Lange de Morretes was born in 1892 and died, in 1954, after a scientific expedition to the coast of Paraná. He is important in the Paraná's history of art, most of the regional public institutions have works of the artist in their collections, and he is international reference in malacology. The present study discusses the links between the Paranaense Museum and the scientist-artist, detailing aspects of the acquisition of collections, especially one of the 2017.

**Keywords:** Museum. Art history. Paraná's Art. Museology. Paraná's history.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo busca apresentar os laços entre o cientista-artista Frederico Lange de Morretes (1892-1954) e uma instituição tradicional de pesquisas no Paraná: o Museu Paranaense, das aproximações e rupturas, e de detalhes da incorporação de algumas coleções, especialmente a de 2017.

O acervo relativo a Frederico Lange de Morretes, no Museu Paranaense, é proveniente de múltiplas entradas e origens: estudos sobre moluscos, arte e arqueologia, relatórios e publicações referentes à trajetória profissional de Lange de Morretes, além de várias doações.

Algumas doações que possuíam materiais relativos ao artista, podem ser exemplificadas pelas de Maria Amélia Assumpção com a tela a óleo mostrando o Passeio Público (1924), entre outras obras, ou da Santa Casa de Misericórdia com a tela a óleo com o retrato do farmacêutico Manoel Francisco Correia Neto (1925), um dos fundadores do Centro de Letras do Paraná, ou de Maurício de Souza com a medalha de Ouro oferecida a Lange de Morretes (*post mortem*) no XI Salão Paranaense de Artes de 1954.

O Museu Paranaense, inaugurado em Curitiba, em 25 de setembro de 1876, era uma instituição particular, sendo considerada a terceira instituição museológica mais antiga do Brasil. Os fundadores foram José Cândido da Silva Murici, médico com grande rede de contatos que incluíam indivíduos de diferentes status social, o ervateiro Agostinho Ermelino de Leão, e o engenheiro Chalréo Junior. O acervo inicialmente era constituído de coleções que tinham representado o Paraná tanto em exposições provinciais como em grandes mostras antropológicas nacionais e internacionais, a maioria reunido por Murici (TREVISAN, 1976; CARNEIRO, 2001; RANKEL, 2007).

Da mesma maneira que em outras instituições mundiais, naquele momento, na aquisição e gestão não existiam, muitas vezes, preocupações teóricas (TRIGGER, 2004). Havia muita diversidade tipológica das peças, com materiais arqueológicos, indígenas, agrícolas, florísticos, faunísticos, históricos e obras de arte. A incorporação de objetos, obras, documentos textuais e imagéticos acontecia através de doações por intelectuais, empresários e populares (PARELLADA, 2017).

Em 1882, o Museu passou a pertencer à Província do Paraná denominando-se Museu Paranaense; nesse ano há um catálogo de objetos enviados à exposição antropológica no Rio de Janeiro (LEÃO, 1882, 1900; MARTINS, 1925).

Em 1936, o projeto de criar um corpo científico para o Museu Paranaense, idealizado inicialmente por Lange de Morretes, foi concretizado, então, por José Loureiro Fernandes, que havia feito Doutorado em Medicina e estágio no Museu do Homem, em Paris. Assim, foram criados departamentos técnicos dentro da instituição, com pesquisadores voluntários, alguns vinculados à Universidade do Paraná (atual Universidade Federal do Paraná), e mudanças significativas na gestão das coleções. Antigos objetos foram reanalisados, e a partir de 1938 foram ampliadas as coleções através do financiamento de pesquisas no Paraná, inclusive em parceria com a Universidade do Paraná, além de materiais do Brasil e de outros países da América do Sul (FERNANDES, 1936; FURTADO, 2006).

### **ALGUNS ASPECTOS DA TRAJETÓRIA DO ARTISTA-CIENTISTA**

Frederico Godofredo Lange, filho do engenheiro alemão Rudolf Lange e de Ana Bockmann, nasceu em Morretes em 05 de maio de 1892, e morreu em Curitiba, em 19 de janeiro de 1954, após coordenar expedição malacológica do Museu Paranaense no litoral do Paraná.

O menino Frederico já fazia desenhos, como na visita a Vila Velha, em Ponta Grossa, e os amigos do pai observando a qualidade e o interesse da criança o aconselharam a investir nos talentos artísticos do filho, tanto nas artes plásticas quanto na música, conforme declarações de Berta Lange de Morretes e Yara Marchi e em observações de Salturi (2007, 2009) e Corrêa (2012).

Visando desenvolver as qualidades artísticas do filho, o engenheiro Lange (1860-1922), chefe geral da Rede de Viação Férrea do Paraná – Santa Catarina, aproxima-se do pintor norueguês Alfredo Andersen (1869-1935), radicado em Paranaguá. Rudolf Lange, depois de algumas conversas, ficou amigo de Andersen, trazendo o pintor e parentes, para residir na casa do Ypiranga, na Serra do Mar, em Morretes, junto com a própria família. Logo depois, ajudou Andersen a fundar um atelier-escola em Curitiba, onde Frederico, com

9 anos, inicia as aulas de desenho e pintura. Andersen considerava-o seu melhor aluno, conforme declarações em entrevistas para periódicos da época (MORRETES, 1937c, 1942; SALTURI, 2007, 2009, 2014)..

Aos 18 anos de idade, com apoio de Andersen e da família, Frederico Lange direciona-se à Alemanha, para estudos, no período entre 1910 e 1920. Inicialmente, entre 1910 e o primeiro semestre de 1913, cursou a Real Academia de Artes Gráficas- *Konigliche Akademie für Graphische Künste und Buchgewerbe*, em Leipzig, observar figura 1.

No verão europeu de 1913, começa a graduação em Pintura e Escultura na Escola Superior de Belas Artes de Munique- *Akademie der Bildenden Künste München*, formando-se em 1919. Lá conhece e tem aulas com grandes mestres, como Angelo Jank – pintor de murais e cenas históricas, com especialidade em cavalos e cavaleiros, bem como o pintor, gravurista, arquiteto e escultor Franz von Stuck. Além deles, os artistas Heinrich von Zugel, Habermann, o professor Molier de anatomia humana, entre outros, que influenciaram muito a trajetória de Lange de Morretes como desenhista, gravurista e pintor. Em Munique também cursou disciplinas da área de zoologia, como o Professor Woltereck de embriologia e história da evolução animal, anatomia animal na Faculdade de Veterinária, além de disciplinas de geologia e química.

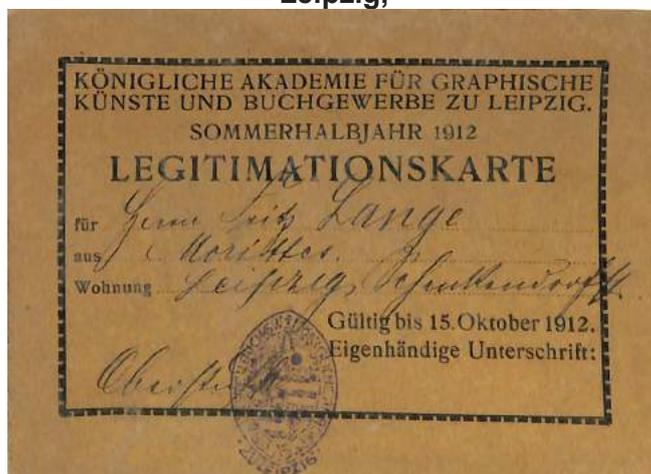
Na Alemanha, quando cursava Belas Artes, o reitor solicitou que o nome da cidade natal de alunos homônimos fosse incorporado ao sobrenome no cartório, para evitar confusões nas notas e na aplicação de advertências, tornando-se, assim, Frederico Lange de Morretes. Entretanto, o sobrenome composto Lange-Morretes, ou a abreviatura FLM ou FL-M, aparece já em 1912 em assinaturas de litogravuras e xilogravuras feitas em Leipzig, e desde 1913, formalmente nas carteiras estudantis da Academia de Belas Artes de Munique, doadas pela família do artista ao Museu Paranaense, em 2017, observar figura 2.

Lange de Morretes passou, em diferentes momentos, por dificuldades financeiras, inclusive para se alimentar. A graduação em Munique coincidiu com episódios ruins da Primeira Grande Guerra Mundial, que aconteceu entre julho de 1914 e novembro de 1918, fazendo ele se deslocar para a região dos Alpes. Lá realizou diferentes trabalhos e conseguiu recursos para sobreviver, juntar recursos e retornar ao Brasil em 1920 (MORRETES, 1942). Nessa época, Lange teve obra comprada e incorporada no acervo do *Glaspalast*, em

Munique, depois destruído por bombardeios na Segunda Grande Guerra, e da galeria de arte do Palácio Imperial do Japão. Expôs em diferentes regiões da Alemanha: Colônia, na Bavária, em Munique.

Em 1917, casou com a professora e cantora lírica Bertha Bamberguer, da cidade de Oberammergau, e nasceram desta união quatro filhos: Berta em 28/06/1917 (graduada em História Natural pela USP, falecida em 30/11/2016,), Ruth em 03/07/1919 (graduada em História Natural pela USP, já falecida), Ana Maria em 14/04/1923, e Flávio em 16/02/1929, em São Paulo, e falecido em Curitiba em 04/09/1993.

**Figura 1 - Comprovante de matrícula, em 1912, na Real Academia de Artes Gráficas, em Leipzig,**



Fonte: acervo do Museu Paranaense.

**Figura 2 - Carteira estudantil da Academia de Belas Artes de Munique, de matrícula em 1915/ 1916,**



Fonte: acervo do Museu Paranaense.

Em 1920, quando retornou à Curitiba, já casado e com filhas, abriu um atelier de ensino de arte, junto com a esposa Bertha Bamberguer, onde lecionava desenho, escultura, pintura e canto para todos que queriam aprender e possuíam talento, independente dos alunos possuírem recursos para pagarem mensalidades. Muitos artistas, depois premiados nacional e internacionalmente, ali tiveram aulas: Erbo Stenzel, Arthur Nisio, Oswald Lopes, Waldemar Freyleisbein, Kurt Boiger, Augusto Conte e Waldemar Roza, entre outros.

Em julho de 1920, expõe na Associação Comercial, com grande repercussão em Curitiba, ver figuras 3 e 4.

**Figuras 3 e 4 - Foto e folheto da primeira exposição individual de Frederico Lange de Morretes em Curitiba, em julho de 1920, na Associação Comercial do Paraná.**



#### EXPOSIÇÃO DE PINTURA

DE  
FREDERICO LANGE DE MORRETES  
em Curitiba :: Julho de 1920

- N. 1 - Solidão (paisagem de inverno)
- N. 2 - Aguas que jorram (cascata na Baviera)
- N. 3 - Cascauína (cascata na Baviera)
- N. 4 - Derrubada (floresta na Baviera)
- N. 5 - Luz e sombra
- N. 6 - Pastagem (Poente nos Alpes bavaros)
- N. 7 - Atanhã (Alpes bavaros)
- N. 8 - Ermida isolada
- N. 9 - Primavera que chega
- N. 10 - Recanto tranquillo (Alpes allemies)
- N. 11 - Antes da tormenta
- N. 12 - A' beira da floresta
- N. 13 - Outono
- N. 14 - Açude (Poente de outono)
- N. 15 - Poente de inverno
- N. 16 - Sol e primavera (paisagem de floresta)
- N. 17 - Faias
- N. 18 - Crista dos Alpes e baizada
- N. 19 - Varzea
- N. 20 - Helyanthos e Crysandalias
- N. 21 - Rosas
- N. 22 - Estudo de flores
- N. 23 - Flores do campo
- N. 24 - Lyrios
- N. 25 - Lago na montanha
- N. 26 - Plannilo nos Alpes
- N. 27 - Aldeia
- N. 28 - Primavera
- N. 29 - Corredeira
- N. 30 - Flores
- N. 31 - Flores
- N. 32 - Flores
- N. 33 - Flores

#### OBSERVAÇÃO

As pessoas que desejarem adquirir quadros, poderão encontrar a lista dos preços com o expositor ou com o encarregado do salão.

Fonte: Acervo do Museu Paranaense

Artista e cientista, professor no Ginásio Paranaense e na Escola Normal, uma das atividades requeridas para as alunas era bordar os símbolos paranistas, como pinhas, pinhões e pinheiros, depois esses desenhos foram transpostos, posteriormente, para as calçadas centrais de Curitiba. Lange de Morretes elaborou mais de 700 obras, entre telas, desenhos, estudos e gravuras, além de escrever poesias e narrativas literárias. Aqui no Brasil, expôs em Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro e Paranaguá, ganhando várias premiações.

O romance autobiográfico “Vidas paralelas” narra parte das experiências vividas na Alemanha, e muito dos dilemas existenciais do artista. No texto, Frederico se transforma em Feliciano, acadêmico de Belas Artes na Alemanha que casa na Bavária com a professora e cantora lírica Laura, personagem que possuía muitas características da esposa Bertha Bamberguer (MORRETES, 1942).

Em 1931, fazendo parte de um grande movimento de artistas paranistas, com João Turin, planejou a criação da Sociedade de Artistas Plásticos do Paraná, e em São Paulo também participou de movimento para fundar a Associação de Artistas. No retorno a Curitiba colaborou na criação da Escola de Música e Belas Artes do Paraná em 1948, onde se tornou professor de Anatomia e Fisiologia.

Transitou pelo impressionismo, pós-impressionismo, realismo, simbolismo, sendo um dos pioneiros do Modernismo no Paraná, um exemplo é a tela “O Mar” existente no acervo do Museu Paranaense. Ainda, foi o artista pioneiro, em terras paranaenses, do uso da espátula na pintura a óleo, nas obras observam-se pinceladas vigorosas e que evidenciam movimento e profundidade nas telas. Nos desenhos combinava técnicas de raspar, típicas de gravuras, e os resultados quase sempre eram surpreendentes, mostrando uma refinação de métodos para obter mais profundidade, sombras e luz.

O professor da Unespar Allan Hanke (com. Verbal, 2018), restaurador-conservador que redigiu dissertação de mestrado com temática relacionada a Lange de Morretes, relatou que, em várias telas, pode ser caracterizado uma variação de azul, entre o celeste e o da Prússia, muito específico, que o artista inseria na maioria das telas a óleo que pintava.

É importante destacar que o artista afirmava que gostava de inovar e renovar as estratégias de pintar, trazendo muitas modernidades para a provinciana Curitiba de 1920. Isto causou desconforto, em várias oportunidades, com o antigo mestre, Alfredo Andersen, e aproximação com poetas, músicos e artistas plásticos de vanguarda, entre 1920 e 1930, como o polônes Bruno Lechowski, entre muitos outros.

Foi um dos principais articuladores do Movimento Paranista, com João Ghelfi (1890-1925) e João Zanin Turin (1878-1948). A revolta com a taxaçoão de quadros em 1936, fez com que rompesse com Manoel Ribas, não sendo empossado Diretor do Museu Paranaense. Ao mesmo tempo, por se dedicar também às pesquisas com moluscos, é questionado e

acaba perdendo o cargo como professor de Artes no Ginásio Paranaense. Muda com a família para São Paulo, pois foi convidado para organizar a coleção malacológica no Museu Paulista e lecionar disciplinas na graduação em História Natural na Universidade de São Paulo, tornando-se um malacologista de renome internacional.

A maioria das obras de Lange concentra-se no período de 1916 a 1935, sendo que depois da mudança para São Paulo, em 1936, existem mudanças nas poéticas e cada vez mais a representação do sentimento de dor, insatisfação e de aproximação com a morte.

Em 1941, retorna a Curitiba, voltando a pintar por incentivo de amigos como o fotógrafo Groff. Participou de vários Salões de Arte Paranaense, ganhando a Medalha de Ouro, póstuma, no salão de 1954 (VASQUEZ, 2012).

O governador Bento Munhoz da Rocha contrata-o como pesquisador do Museu Paranaense, instituição que em 1950 fazia parte da Universidade do Paraná. Fumava muito, e pressentindo a morte próxima, devido a complicações na saúde, fez uma lista de desejos para serem atendidos no sepultamento, que deveria ser no cemitério em Morretes, de pé e com a face voltada para o pico Marumbi, além de outras especificidades (SALTURI, 2007).

Os malacólogos Frederico Lange de Morretes e Carlos Gofferjé foram, entre 1941 e 1954, os principais responsáveis pela formação da coleção malacológica de referência existente no acervo do Departamento de Arqueologia do Museu Paranaense. A numeração das conchas aconteceu, em 1955, pelo sobrinho Rudolf Bruno Lange, sendo mudadas as embalagens e revisadas etiquetas, em 1996, por Marcos V. Gernet, e, entre 2017 e 2018, por Dorneles e Parellada (2018). Lange de Morretes identificou várias novas espécies de moluscos, muitas homenageando parentes, amigos, artistas, assistentes de pesquisa e, mesmo, namoradas pós-casamento.

### **A DOAÇÃO DE UMA GRANDE COLEÇÃO EM SETEMBRO DE 2017**

A doação da maior coleção do Museu Paranaense, relacionada a Frederico Lange de Morretes, originou-se de mensagem do paleontólogo Fernando Sedor, da Universidade Federal do Paraná, a esta arqueóloga, Claudia Inês Parellada, em 20 de setembro de 2017. O biólogo Yedo Alquini, professor aposentado de Botânica, da Universidade Federal do

Paraná, avisou ao ex-aluno, o paleontólogo Fernando Sedor, da existência, em São Paulo, de algumas conchas de moluscos e peças líticas do Paraná que familiares de Lange de Morretes gostariam de doar.

O Dr. Yedo Alquini, residente em Curitiba, professor aposentado da Universidade Federal do Paraná- UFPR, graduou-se em História Natural. Alquini estava no Mestrado em Botânica na UFPR, entre 1982 e 1986, quando o orientador faleceu, e a Prof. Dra. Berta Lange de Morretes, da Universidade de São Paulo- USP assumiu a orientação. Yedo elaborou dissertação sobre a interpretação morfológica de *Musa rosacea* Jacq (ALQUINI, 1988). Fez Doutorado em Botânica na Universidade de São Paulo, entre 1989 e 1993, com orientação da Prof. Dra. Berta Lange de Morretes, morando na casa dela. A temática continuou sobre a *Musa rosacea* Jacq (Musaceae), com a descrição anatômica. A *Musa rosacea* é uma inflorescência mutante, que Lange de Morretes retratou em óleo sobre tela, denominado Helicônia, submetido ao IV Salão Paranaense de Artes, em 1947.

Outras universidades foram avisadas, porém não se interessaram, devido a falta de espaço e a urgência em receber os materiais, pois era necessária uma infraestrutura imediata para a doação e a garantia que as peças fossem incorporadas a uma instituição de guarda, preferencialmente pública. Nesse momento, lembrei da coleção perdida, desde 1954, de zoólitos de sambaquis de Lange de Morretes e da história repetida, muitas vezes e sempre com tristeza, por meu primeiro orientador, o falecido arqueólogo Oldemar Blasi, Diretor do Museu Paranaense entre 1967 e 1983, falecido em 2013. Ele contava que a maior coleção de moluscos da América do Sul havia sido transferida do Museu Paranaense para um recém-criado Instituto de História Natural, em 1960, e por não haver local para acomodá-la, boa parte acabou cascalhando o acesso de terra do, agora, Museu de História Natural do Capão da Imbuia. Essa história triste sempre me incomodou, era muito difícil compreender como anos de estudos tinham se transformado em pavimento compactado, e os porquês de sacrificar uma coleção tão importante.

Pensei muito na importância de Frederico Lange de Morretes, dele ter falecido depois de coordenar uma expedição científica do Museu Paranaense ao litoral do Paraná, em 19 de janeiro de 1954. Também sou cientista, e sentia angústia em compactuar com mais extravios e perdas de materiais de pesquisa. Assim, em dois dias, com a autorização e

apoio do Diretor do Museu Paranaense em 2017, Prof. Dr. Renato Augusto Carneiro Junior, fui a São Paulo, com veículo próprio, e a colaboração de um professor aposentado de Engenharia Civil da Universidade Federal do Paraná, ou seja, na emergência, minha mãe, Mirian Parellada, convenceu meu pai, Lázaro Parellada, a me acompanhar.

O aniversário do Museu Paranaense estava próximo, e meus colegas achavam que ficariam esgotados com a viagem urgente e acabariam perdendo as festividades, o Professor Sedor também estava impossibilitado, assim a solução foi a ajuda familiar.

Os materiais de Lange de Morretes estavam em sobrado no Jardim América, na cidade de São Paulo, onde foi entregue a doação: rua Cônego Eugênio Leite, 1155, local bem próximo à entrada do cemitério São Paulo. Lá fomos recebidos pela historiadora Maria Silvana da Silva Sobral, secretária da falecida Prof. Dra. Berta Lange de Morretes. Não sabia, previamente, que ali era a residência fixa que a família Lange de Morretes havia morado, e que a filha mais velha continuou residindo até a morte, em 2016. Lá, descemos ao porão da casa, e visualizamos uma mala antiga fechada, com uma etiqueta de papel colada com o nome de Frederico Lange de Morretes, junto com o nome da instituição- Museu Paranaense e o endereço da sede do museu, em 1954, na rua Buenos Aires, 200, observar figura 5.

A mala foi aberta, e uma sacola de pano com pincéis, muitos sujos com pigmentos secos, e espátulas- uma era um objeto lítico arqueológico- que possivelmente foi usado nas obras. Havia, também, um estojo de madeira usado como palheta com restos de tinta a óleo, e documentos muito bem arrumados, como se tivessem sido colocados há muito tempo. Cartas, ofícios, publicações, estudos, cartões... A visão me fez cair em lágrimas e ajoelhar-me ao chão, pois era a mala que possivelmente reunia dados e documentos que Frederico esperava receber em 1954, quando faleceu em Curitiba.

A justificativa da mala estar lá, era que em 1941, Lange de Morretes retornou sozinho de São Paulo, para Curitiba, visivelmente com poucos recursos. Foi morar em um quarto de pensão, com banheiro coletivo, na Praça Carlos Gomes, e trabalhar no Museu Paranaense como malacologista. Na época, Lange tinha rompido laços familiares, devido

a novas relações amorosas, refletidas tanto em obras artísticas como em homenagens inseridas em nomes de novas espécies de moluscos, que provocaram distanciamento efetivo com a estrutura familiar (MORRETES, 1942, 1948, 1949b).

No momento que eu chorava pelo contexto da situação, a neta Yara Marchi, advogada, filha de Ana Maria Lange de Morretes, chegou na casa e ficou comovida com a cena. Ela comentou que admirava seu avós e bisavós, mas teve pouco convívio com o avô, pois ele faleceu quando ela era muito pequena.

**Figura 5 - Mala de Frederico Lange de Morretes**



Fonte: acervo do Museu Paranaense (crédito fotográfico: Claudia Parellada, 2017)

Relatei que tinha ficado impressionada com a quantidade de documentos no cômodo, e a possibilidade de conseguir ampliar a relevância dos trabalhos de Frederico Lange de Morretes como cientista e artista. Havia alguns estudos e obras, separados, com problemas sérios de conservação, como perdas em camadas pictóricas, rasgos e fraturas. Informei que, em poucos dias, deveríamos receber o reconhecimento do Programa Memória Mundo da Unesco a nível de Brasil, referente à coleção imagética e textual do engenheiro-cineasta Vladimir Kozák, e que poderíamos, da mesma forma, estudar toda aquela documentação e propor o reconhecimento do acervo textual e imagético de Frederico Lange de Morretes. Depois de alguns dias, o Museu Paranaense recebeu a confirmação do reconhecimento de Kozák pela Unesco.

Yara Marchi conversou com a sua mãe, Ana Maria, e decidiram doar para o Museu Paranaense aqueles materiais tão ricos de informação, fundamentais para se aprofundar os estudos sobre Lange de Morretes.

É importante destacar que houve uma exposição de curta duração, entre março e julho de 2018, em três salas do andar térreo do Palácio São Francisco, com título “Arte e ciência entrelaçadas: Frederico Lange de Morretes (1892-1954)”, e curadoria do Museu Paranaense: Claudia Inês Parellada, Deisi, Esmerina Costa Luís e Janete dos Santos Gomes. Foram expostas obras de Lange de Morretes dos acervos da Escola de Belas Artes do Paraná/ Unespar, do Museu Alfredo Andersen, do Clube Curitibano e do próprio Museu Paranaense, instituições que tiveram estreita relação na trajetória do artista. Fotografias de exposições, estudos e desenhos, conchas, zoólitos – artefatos líticos polidos, em forma de animais, de sambaquis do litoral sul do Brasil (MORRETES, 1945), entre outros materiais.

Entre 2018 e 2019, vários projetos estão sendo desenvolvidos no Museu Paranaense em relação a este acervo, todos com visão multidisciplinar, para analisar, em detalhes, as especificidades de cada documento, estudo ou obra, buscando as estratégias mais eficientes para a gestão e curadoria das coleções relacionadas a Frederico Lange de Morretes.

## **POLÍTICAS X CIÊNCIAS X ARTES = FREDERICO LANGE DE MORRETES**

A trama de relações que envolvem Lange de Morretes e o Museu Paranaense é antiga, pois na instituição existem correspondências, publicações e relatórios detalhando atividades, pesquisas e doações.

Em 1936, Lange de Morretes seria nomeado como Diretor da instituição, porém, o governador do Paraná, Manoel Ribas, retirou a nomeação devido às críticas de Lange de Morretes sobre a taxaço de obras de arte, nomeando diretor o médico e deputado Loureiro Fernandes. Lange, triste e decepcionado, refletiu a mágoa intensa através de entrevistas, artigos em vários periódicos, e na interrupção das aulas no Ginásio Paranaense, perdendo o cargo vitalício de professor de Artes. Nessa época, Lange tinha envolvimento político na

vinda de imigrantes, tornando-se amigo de Sadamu Noda, secretário de Ryo Mizuno, que lhe enviou felicitações de final de ano, em 1935, com desenho autoral em nanquim pintado sobre papel.

Ele e a família transferiram-se para São Paulo, pois ele foi convidado pelo entomólogo Francisco Lane, da USP, para organizar o acervo malacológico da instituição e dar aulas no curso de História Natural. Durante o tempo que permaneceu em São Paulo, entre 1936 e 1943, tornou-se um cientista de renome internacional, com muitas publicações relativas a moluscos no Brasil (MORRETES, 1937 a,b, 1938 a,b, 1940 a,b,c, 1941, 1943, 1949a, 1952, 1953 b,c, 1954 a,b,c).

Em 1946, depois de Manoel Ribas falecer, e Loureiro Fernandes deixar a direção do Museu, tornando-se apenas pesquisador, Lange de Morretes retorna como membro do Conselho Deliberativo, função voluntária, e malacólogo do Museu Paranaense, com pagamento através de bolsas de pesquisa da Universidade do Paraná, conforme diferentes relatórios institucionais apontam (MORRETES, 1953a; SALTURI, 2007).

Em 1953, a coleção malacológica de Lange de Morretes, na época sob guarda do Museu Paranaense, foi considerada como a maior da América do Sul, e desde o momento da sua morte prematura, em janeiro de 1954, até hoje, é desconhecido o paradeiro de parte desta coleção, pois houve o fracionamento do acervo. Atualmente, concentram-se na USP as maiores coleções malacológicas brasileiras, inclusive as relativas a Lange de Morretes (COLLEY, 2013; GERNET et al., 2018). Existem exemplares desta coleção, inclusive holótipos no Museu Paranaense, em diferentes instituições e mesmo com particulares (DORNELES & PARELLADA, 2018).

A doação, por parte de familiares que moram em São Paulo, de vários pertences pessoais, documentos e publicações em setembro de 2017 - cerca de 700 materiais, entre pincéis, palheta, artigos científicos, monografias, estudos, obras, documentos acadêmicos, estampas xilográficas *Ukyio-e* – paisagens futuantes– imagens admiradas por pintores impressionistas, materiais arqueológicos e malacológicos, trançados indígenas, e até mesmo a mala com o nome de Frederico Lange de Morretes e do Museu Paranaense.

Esta mala chegou à instituição 63 anos depois da morte do artista, e os materiais ali inseridos vêm possibilitando novos estudos relativos às poéticas e a associação de diferentes técnicas nos estudos que desenvolveu ao longo de sua trajetória como artista-cientista. Essas reflexões trazem luzes para entender os processos criativos do artista, e como as relações com diferentes cientistas também influenciaram o seu caminho pelas artes plásticas e pela literatura. São contundentes as narrativas sobre a necessidade da preservação ambiental.

Nos documentos, textuais, imagéticos e tridimensionais, que vem passando por processos de conservação, sendo gradualmente analisados, podem ser melhor compreendidos aspectos do cotidiano de Frederico Lange de Morretes, e também parte das vivências da esposa Bertha Bamberguer, professora de canto que também pintava, e da filha mais velha, Berta Lange de Morretes, graduada em História Natural e professora de botânica da Universidade de São Paulo até os 96 anos de idade, que guardou, cuidadosamente, por mais de 60 anos a documentação do pai tão querido por ela, observar figuras 6 e 7.

Já foram caracterizados detalhes do antigo atelier de ensino de pintura e desenho em Curitiba criado em 1920, do gabinete do Museu Paranaense em 1950 para a análise de conchas de moluscos e gastrópodos, de textos e imagem que evidenciam a seleção das poéticas e os processos criativos para a execução de estudos, desenhos, gravuras e telas ao longo da trajetória do artista.

Também podem ser evidenciados mais amplamente a mudança de estilos de pintura, as dificuldades para sobreviver como artista, e a revolta de ter que optar por pinturas mais acadêmicas quando retorna da Alemanha. Também, as relações de Lange de Morretes com o primeiro mestre, Alfredo Andersen, eram de amizade a antagonismo, e com uma aparente desistência de insistir em novos caminhos, devido à pouca aceitação desta tendência pela elite curitibana, que entre 1920 e 1930, ainda resistia a uma nova concepção de arte moderna.

Em alguns desenhos e telas já podem ser observadas características do Modernismo, que havia sido divulgado na Semana de Arte Moderna, em 1922, em São Paulo. As rupturas com o tradicional, as experimentações artísticas e a libertação estética podem ser observadas em algumas obras de Lange de Morretes, mas existiam muitos

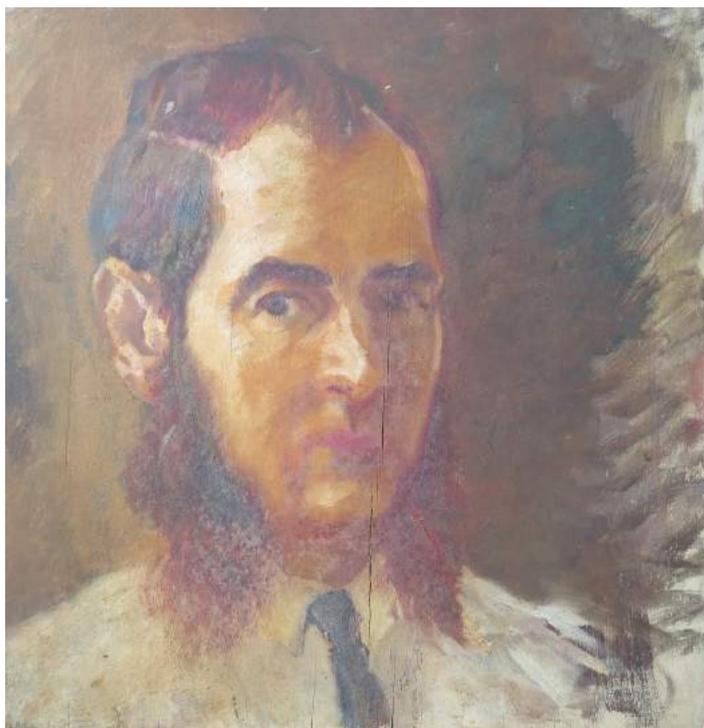
conflitos internos, além de posicionamentos políticos fortes em defesa da arte, da ciência e da educação, que afetaram a sua trajetória. As fraturas no casamento, devido a relações amorosas superpostas, inicialmente com Ema e depois com Maria Aparecida, parecem ter provocado, nas proximidades de sua morte, muita solidão e angústia (MORRETES, 1948).

**Figura 6 - Autorretrato, autor: Frederico Lange de Morretes, dimensões: 45x 45cm. Data: circa 1920, óleo sobre chapa de madeira.**



Fonte: acervo do Museu Paranaense.

**Figura 7 - Autorretrato, autor: Frederico Lange de Morretes, dimensões: 45x 45cm. Data: circa 1930, óleo sobre chapa de madeira**



**Fonte: acervo do Museu Paranaense**

O envolvimento com a criação da Sociedade de Artistas do Paraná- SAP, em 1931, na qual a esposa, a professora da Escola Normal Bertha Bamberguer, fazia parte da primeira Diretoria. A participação efetiva na fundação, em 1948, dEscola de Belas Artes do Paraná, vinha de um desejo coletivo de vários artistas e intelectuais, como Lange de Morretes, que desde 1931, com a criação da SAP insistiu, em muitos momentos, que a esperança de ter a formação de artistas de qualidade seria a implantação de uma academia de artes, como acontecia em países europeus (MORRETES, 1931/ 1943).

Na doação de 2017 foram registradas cópias de recibos de pagamentos para Frederico Lange de Morretes relativos a pinturas em vagões dos trens para a Viação Férrea Paraná-Santa Catarina. Em 5 e 6 de fevereiro de 1935, no cinquentenário da Estrada de Ferro do Paraná, foram inauguradas placas de bronze em diferentes estações ferroviárias entre Paranaguá e Curitiba. Cada uma das três placas, que visavam enaltecer esta grande obra de engenharia, foi elaborada por artista diferente, todos eram amigos e adeptos do Paranismo, destacados no cenário cultural do Paraná.

A placa de Curitiba por projetada por João Zaco Paraná (1884-1961), a de Roça Nova por João Turin – atualmente sob guarda do Museu Paranaense, e a de Paranaguá, um baixo relevo de Frederico Lange de Morretes que evidenciava a transposição da Serra do Mar, atravessando montanhas para chegar ao planalto curitibano (GOMES & CARVALHO, 1935).

Ainda é importante lembrar que em Curitiba, caminhar pelas calçadas centrais em pedras portuguesas é encontrar pinheiros e pinhas estilizados inspirados na arte de Frederico Lange de Morretes (VASCONCELOS, 2006), um artista sempre presente na memória urbana da capital do Paraná.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Arte e ciência sempre caminham juntas, seja na pintura de telas, na elaboração de uma gravura, na associação de técnicas para contrastar luz e sombras, ou na análise de conchas de moluscos, é isso que o professor-cientista-artista Frederico Lange de Morretes apresenta em seus estudos e obras.

Pesquisar poéticas, transpor ideias e projetos a suportes diversos, dar-lhes corpo e alma, selecionando pigmentos e traços, alimentando-se de dúvidas e certezas de como expressá-los, com as ciências aparecendo com vigor para iluminar caminhos difíceis e encontrar soluções inovadoras. Pintura, escultura, desenho, malacologia, arqueologia, música, faziam parte do universo criativo de Lange de Morretes.

Paixão, dedicação e trabalho contínuo são as estradas para superar desafios e alcançar novos horizontes artísticos e científicos, estratégias enfatizadas por Lange de Morretes, um grande pesquisador do Paraná e do Museu Paranaense, um artista inovador que questionava a condição humana, transpondo fronteiras entre diferentes áreas do conhecimento.

Frederico Lange de Morretes quis ser enterrado de pé de frente para o morro Marumbi, para observar pela eternidade a imponência e a solidez de um dos ícones dos paranistas. Ele comentava que um bom cientista ou artista deveriam considerar os conhecimentos e as obras como grandes montanhas, que em determinados momentos podiam ser desconsideradas e até ignoradas, mas que resistiriam altivas pela eternidade.

Em algum tempo, no futuro, alguém perceberia a relevância e a importância daqueles conhecimentos e/ou das obras, e os retiraria do esquecimento temporário. Afinal, o morro continuaria ali, ultrapassando os limites de tempo e as avaliações subjetivas datadas.

O artista estava certo, pois com as obras e os estudos científicos e artísticos que elaborou, os alunos que formou, as instituições que ajudou a criar e a fortalecer, tudo isso configura um acervo tão imponente como o morro Marumbi, na Serra do Mar. Foi resultado de muitos anos de estudos, de dedicação e de sacrifícios pessoais, um acervo entrelaçado enriquecido com a documentação doada para o Museu Paranaense em 2017.

## REFERÊNCIAS:

ALQUINI, Yedo. Interpretação morfológica de *Musa rosacea* Jacq (Musaceae) fase teleomática. **Acta bot. bras.** 1(2):125-142, supl., 1988.

CARNEIRO, Cíntia M.S.B. **O Museu Paranaense e Romário Martins**: a busca de uma identidade para o Paraná, 1902 a 1928. Dissertação de Mestrado em História, UFPR, Curitiba, 2001.

COLLEY, Eduardo. Moluscos terrestres e a malacologia paranaense: histórico e importância no cenário nacional. **Estudos de Biologia**, 34(82): 75-81, 2012.

CORREIA, Amélia S. Alfredo Andersen (1860-1935): retratos e paisagens de um norueguês caboclo. Tese de doutorado em Sociologia, Universidade de São Paulo, 2011.

GOFFERJÉ, Carlos N. Contribuição à zoogeografia da malacofauna do litoral do estado do Paraná. **Arquivos do Museu Paranaense**, 7: 221-282, 1950.

DORNELES, Victor A.C.; PARELLADA, Claudia I. Acervo malacológico do Museu Paranaense: registro de conchas do litoral sul brasileiro. **Resumos do XI Encontro da SABSUL**, Curitiba, UFPR, 2018.

FERNANDES, José Loureiro. **Museu Paranaense**: resenha histórica, 1876-1936. Curitiba: Museu Paranaense, 1936.

FURTADO, Maria R. **José Loureiro Fernandes: o paranaense dos museus**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 2006.

GERNET, Marcos V.; BELZ, Carlos E.; BIRCKOLZ, Carlos J.; SIMONE, Luiz R. L.; PARELLADA, Claudia I. A contribuição de Frederico Lange de Morretes para a malacologia brasileira. **Arquivos de Zoologia**, Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, 2018, 49 (3): 153-165.

GOMES, Raul R.; CARVALHO, Raul (org.). **Cincoentenário da Estrada de Ferro do Paraná, 1885- 5 de fevereiro- 1935**. Curitiba: Publicação Comemorativa da Rede de Viação Paraná-Santa Catarina, 1935.

LEÃO, Agostinho Ermelino. **Catalogo do objectos do Museo Paranaense remetidos à Exposição Anthropologica do Rio de Janeiro**. Curitiba: Typ. Á Pendula Meridional, 1882.

LEÃO, Agostinho Ermelino **Guia do Museo Paranaense**. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1900.

MARTINS, Romário. **Museu Paranaense: catálogos e estudos**. Curitiba: Livraria Mundial, 1925.

MORRETES, Frederico Lange de. **Esperança**. Texto inédito, datilografado, 91 p. Curitiba, Museu Paranaense. 1931/ 1943.

MORRETES, Frederico Lange de. Dois novos gasteropodos pulmonados do Brasil. **Revista do Museu Paulista**, 23: 299-305. 1937a.

MORRETES, Frederico Lange de. **Relatório da Seção de Malacologia do Anno de 1936**. Museu Paulista, São Paulo. 1937b.

MORRETES, Frederico Lange de. **Um pedaço do Brasil**. Texto inédito, datilografado, 33 p. Curitiba, MON. 1937c.

MORRETES, Frederico Lange de. 1938a. Duas espécies novas de molluscos marinhos do Brasil. In: Silva, B. & Travassos Filho, L. (Eds.) **Livro Jubilar do Professor Lauro Travassos: editado para comemorar o 25º aniversario de suas actividades scientificas (1913-1938)**. Typographia do Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. 1938a.

MORRETES, Frederico Lange de. **Relatório da Seccão de Malacologia do anno de 1937**. Museu Paulista, São Paulo. 1938b.

MORRETES, Frederico Lange de. Algumas palavras sobre novas ocorrências e maior distribuição de moluscos na costa do Brasil. **Revista de Indústria Animal**, 3(4): 184-187, 1940a.

MORRETES, Frederico Lange de. Novos moluscos marinhos do Brasil. **Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo**, 2(7): 251-256, 1940b.

MORRETES, Frederico Lange de. Um novo gasterópodo pulmonado do Brasil. **Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo**, 2(8): 257-260. 1940c.

MORRETES, Frederico Lange de. *Rochanaia gutmansi*, novo lamelibrânquio do Brasil. **Arquivos do Instituto Biológico**, 12(5): 75-80, 1941.

MORRETES, Frederico Lange de. **Vidas paralelas**. Texto inédito, datilografado, 182 p. Curitiba, Museu Paranaense. 1942.

MORRETES, Frederico Lange de. Contribuição ao estudo da fauna brasileira de moluscos: Resultados de uma pequena coleção de moluscos obtida pela excursão científica realizada pelo Instituto Oswaldo Cruz em outubro de 1938. **Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia**, 3(7): 111-126, 1943.

MORRETES, Frederico Lange de. **Uma árvore bem brasileira**. Texto inédito, datilografado. Curitiba. 1944.

MORRETES, Frederico Lange de. **Contribuição para o conhecimento dos sambaquis e tambaquis do Brasil**. Texto inédito, datilografado, 42 p. Curitiba, Museu Paranaense. 1945.

MORRETES, Frederico Lange de. **Ema e Maria Aparecida: duas mulheres que encontrei no caminho da minha vida**. Texto inédito, datilografado, 26 p. Curitiba, MON. 1948.

MORRETES, Frederico Lange de. Ensaio de catálogo dos moluscos do Brasil. **Arquivos do Museu Paranaense**, 7: 5-216, 1949a.

MORRETES, Frederico Lange de. **Fraquezas**. Texto inédito, datilografado, 104 p. Curitiba, MON. 1949b.

MORRETES, Frederico Lange de. Novas espécies brasileiras da família Strophocheilidae. **Arquivos de Zoologia**, 8(4): 109-126, 1952.

MORRETES, Frederico Lange de. Relatório sobre as atividades de Frederico Lange de Morretes. In: Museu Paranaense. **Livro de relatórios entre 1950-1969**. Museu Paranaense, Curitiba. p. 82-86, 1953a.

MORRETES, Frederico Lange de. O pinheiro na arte. **Ilustração Brasileira**, 224: 167-168, 1953b.

MORRETES, Frederico Lange de. Adenda e corrigenda ao ensaio de catálogo dos moluscos do Brasil. **Arquivos do Museu Paranaense**, 10(1): 37-76. 1953c.

MORRETES, Frederico Lange de. Dois novos moluscos do Brasil. **Arquivos do Museu Paranaense**, 10(2): 331-336, 1954a.

MORRETES, Frederico Lange de. Nova *Thais* do Brasil. **Arquivos do Museu Paranaense**, 10(2): 339-340, 1954b.

MORRETES, Frederico Lange de. Sobre *Megalobulimus paranaguensis* Pilsbry & Iering. **Arquivos do Museu Paranaense**, 10(2): 343-344, 1954c.

PARELLADA, Claudia Inês. Plumária, peles, lascas e cerume de abelha: diálogos entre arqueologia Guarani e povos Xetá. **Pesquisas**, Antropologia, São Leopoldo, 2017.

RANKEL, Luís Fernando. **A construção de uma memória para a nação: a participação do Museu Paranaense na exposição antropológica brasileira de 1882**. Dissertação de mestrado em História, UFPR, Curitiba, 2007.

SALTURI, Luiz Afonso. **Frederico Lange de Morretes, liberdade dentro de limites: trajetória do artista-cientista**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

SALTURI, Luiz Afonso. O caminho percorrido por Frederico Lange de Morretes (1892-1954). In: Szwako, J. E. L. & Oliveira, M. (ed.) **Ensaio de sociologia e história intelectual do Paraná**. Editora UFPR, Curitiba, 2009.

SALTURI, Luiz Afonso. O movimento paranista e a revista *Ilustração Paranaense*. **Temáticas**, Campinas, 22, (43): 127-158, fev./jun. 2014.

TREVISAN, Edilberto. A gênese do Museu Paranaense (1874-1882). **Arquivos do Museu Paranaense, nova série História**, Curitiba, n. 1, 1976.

TRIGGER, Bruce. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus, 2004,

VASCONCELOS, Lúcia Torres M. **Calçadas de Curitiba: preservar é preciso**. Curitiba, da autora, 2006.

VASQUEZ, Ana Lúcia L. P. **O Salão Paranaense e o campo artístico de Curitiba**. Tese de Doutorado em Sociologia, UFPR, Curitiba, 1912.

Recebido em: 20/02/2019  
Aceito em: 24/02/2019